
Linguagem estética exúlica: racismo, preconceito e estereótipos coloniais

Antonio Carlos de SOUZA¹

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo, SP

RESUMO

Neste artigo abordamos as inter-relações entre linguagem, estética e as dinâmicas socioculturais na perspectiva do racismo (religioso), problematizando o preconceito e os estereótipos produzidos pela influência colonial. Nossa questão-problema: como se dá a dimensão do "racismo religioso" nos processos comunicacionais na perspectiva da linguagem, estereótipos, estética e política na socialização do sensível em comunidade? O *corpus* é composto por imagens, matérias e depoimentos selecionados no *YouTube*, UOL e G1-globo.com, que demonstram a visualidade de Exu no espaço midiático, a partir do desfile da Escola Fluminense Acadêmicos do Grande Rio, que teve Exu como tema do samba enredo no carnaval do Rio de Janeiro de 2022. O referencial teórico-metodológico é formado por autores dos estudos relacionados ao racismo e as pedagogias exúlicas, ALMEIDA (2018), NOGUEIRA (2020) e RUFINO (2020), estabelecendo diálogo com autores dos estudos de linguagem, política e estética entre eles PARRET (1997) e RANCIÈRE (2009). Os resultados contribuem para a desconstrução de estereótipos de linguagem, preconceitos raciais (religiosos) que possibilitam novas perspectivas de existência, reexistência e autorrepresentação.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Estética; Política; Racismo; Sensibilidade.

Laroyê, Exu!

INTRODUÇÃO

Exu, divindade Iorubá aportou no Brasil trazido pelos africanos navegando nas ondas do Atlântico Negro², processo conceitualmente denominado diáspora africana. O orixá é conhecido pela comunicação, guardião das ruas e do comportamento humano. O tema proposto neste artigo surgiu do interesse pela religião de matriz afro, notadamente “candomblé” e a visualidade que a figura de Exu conquistou no espaço midiático. No último carnaval do Rio de Janeiro (2022), a Escola de Samba Fluminense “Acadêmicos

¹ Doutorando e Mestre do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM ESPM-SP). Integrante do Grupo de Pesquisa BIOCON - "Comunicação, Discursos e Biopolíticas do Consumo" - Bolsista Prosup/Capes - e-mail: antonio.carlos@acad.espm.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6437-8227>

² Processo histórico de deslocamentos e identidades denominado a partir do conceito de diáspora africana, defendido por Paul Gilroy (2003) na sua obra o “Atlântico Negro”.

do Grande Rio” sagrou-se vencedora com o enredo “Fala, Majeté! Sete chaves de Exu”, enredo criado e produzido pelos carnavalescos, Leonardo Bora e Gabriel Haddad³.

Nossa pesquisa empírica partiu da observação do documentário “Exu Rei – Abdias Nascimento” que dialoga com a influência desse arquétipo da cultura negra e sua assimilação pela arte brasileira. O curta metragem homenageia ativista da causa negra - o ator, poeta, dramaturgo e político - Abdias do Nascimento. O olhar sob o documentário foi importante para extrair aspectos comunicacionais que envolvem questões de racismo estrutural e de intolerância religiosa, evidenciados pelos construtos políticos, ideológicos e por influências do sistema colonial, observados nos depoimentos produzidos pelos personagens da narrativa. A empiria motivou a definição do tema de pesquisa e na seleção do *corpus* de análise. Para exemplificar, apresentamos um fragmento extraído da fala de Mãe Meninazinha d’Oxum⁴:

“Ele o Exu é o rei, por conta do sincretismo diz que Exu é o diabo, não tem nada a ver com diabo, não conhecemos esse. Essa figura, a gente não conhece, mas conhecemos Exu, não tem nada a ver com Diabo, mas no sincretismo. Por isso que muita gente tem medo de Exu. Exu é um orixá tão bonito, sem ele a gente não faz nada, nada.”

Esse primeiro movimento de pesquisa nos auxilia neste artigo em que abordamos as inter-relações entre linguagem, estética e as dinâmicas socioculturais na perspectiva do racismo (religioso), problematizando o preconceito e os estereótipos produzidos pela influência colonial. A colonialidade, enquanto tecnologia⁵, produziu sujeitos esvaziados de sua subjetividade, língua, religião, artes, etc. Para Almeida (2018, p. 40) “o racismo, enquanto processo político e histórico, é também um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos cuja consciência e afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais”.

³ <https://www.uol.com.br/carnaval/noticias/redacao/2022/04/23/quem-e-exu-a-entidade-que-abre-os-caminhos-da-grande-rio-no-carnaval-2022.htm?cmpid=copiaecola> . Acessado em 06/06.2022

⁴ Maria do Nascimento, conhecida como Mãe Meninazinha d’Oxum, é uma Ialorixá do Candomblé. Foi iniciada em 1960, na Casa-Grande de Mesquita, por sua avó biológica, Iá Davina. Consultado na Wikipédia em 06/06/2022.

⁵ Conceito *Foucaultiano*, Seu objetivo consiste em obter corpos dóceis. Por isso, a disciplina é uma tecnologia, não uma instituição ou aparato. No mesmo sentido, como um conjunção do saber e do poder sobre o corpo, pode-se falar de uma tecnologia do sexo, de uma tecnologia cristã da carne ou de uma tecnologia política da vida. Foucault também utiliza as expressões tecnologia de governo, tecnologia política dos indivíduos e tecnologia reguladora da vida, para falar das tecnologias do poder. In Castro, Edgardo. Vocabulário de Foucault Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores/ Edgardo Castro; tradução Ingrid Müller Xavier; revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

Temos a seguinte questão-problema: como se dá a dimensão do "racismo religioso" nos processos comunicacionais na perspectiva da linguagem, estética e política na socialização do sensível em comunidade? Nessa perspectiva, procuramos responder aos seguintes objetivos específicos, entender os vínculos entre comunicação, linguagem e estética-política, visando compreender a produção de ideologia, racismo (religioso) e preconceito linguístico estereótipos.

A pesquisa e a seleção do *corpus* foi feita através da busca orgânica do *Google*, pelo termo “Exu Carnaval 2022”. O material selecionado é composto por imagens, matérias e depoimentos selecionados no canal do *YouTube*, UOL e G1-globo.com, que demonstram a visualidade de Exu no espaço midiático, a partir da vitória da Escola de samba do Grande Rio no Carnaval do Rio de Janeiro.

O referencial teórico-metodológico é formado por autores dos estudos relacionados ao racismo e as pedagogias exúlicas, ALMEIDA (2018), NOGUEIRA (2020) e RUFINO (2020), estabelecendo diálogo crítico com autores dos estudos de linguagem, política e estética entre eles PARRET (1997) e RANCIÈRE (2009) a metodologia adotada produz um tensionamento entre teorias hegemônicas e decoloniais, o que nos leva a considerar a necessidade de escrever outros artigos na perspectiva de outras lentes teóricas. Por exemplo, a partir de um referencial teórico decolonial.

Assim, apresentamos o nosso objeto de estudo, o preconceito religioso contra as religiões de matriz africana, - candomblé -, com recorte de pesquisa para o orixá Exu e suas representações. Na seção a seguir contextualizamos aspectos simbólicos referentes à figura do orixá, sua mitologia e suas construções ideológicas coloniais e suas representações para as comunidades de terreiro, empreendendo apontamentos que tragam a lume efeitos do racismo estrutural e religioso, a construção da intolerância religiosa e os estereótipos que estigmatizam a cultura negra. Descrevemos o caminho teórico-metodológico de pesquisa, a formação do *corpus* e apresentamos a análise e os sentidos produzidos pelo espetáculo produzido no Carnaval pela Escola de Samba Acadêmicos do Grande Rio. Debatesmos conceitos políticos, estéticos, estereótipos e de linguagem, realçando o sensível em comunidade e a emancipação do sujeito, pelas lentes teóricas de Almeida, Lipmann, Parret e Rancière.

Por fim, as considerações finais que não têm a pretensão de chegar a uma conclusão, e sim, apontamentos de possíveis caminhos para uma linguagem e estética-

política inclusiva que permita desconstruir estereótipos, preconceitos raciais (religiosos) e possibilite novas perspectivas de existência, reexistência e autorrepresentação.

1. Exu: comunicador, guardião das ruas e do comportamento humano.

Especula-se que a partir dos primeiros contatos entre os colonizadores europeus com as sociedades africanas já tenha havido uma associação entre o Orixá e o diabo, figura mítica do imaginário cristão. Segundo relatos registrados em documentos de missionários cristãos e comerciantes do tráfico negreiro estabelecidos nessas regiões. Os escravos comercializados e enviados ao continente americano, inclui-se aqui, os que aportavam no território brasileiro, todos violentados pelas atrocidades inerentes ao colonialismo conforme descreve a fala de Césaire (2020, p.25): “sociedades escravizadas de si mesmas, culturas pisoteadas, instituições solapadas, *religiões assassinadas* (grifo), magnificências artísticas destruídas, possibilidades extraordinárias suprimidas”. Há outros relatos em documentos históricos que registraram a memória de sermões proferidos pelo Padre Antônio Vieira (jesuíta) nas regiões da Bahia que seria uma dádiva recebida de Deus, os negros escravizados serem batizados e terem a oportunidade de trabalho no Brasil, apartados do seu continente de origem e de suas dimensões religiosas e artísticas, conforme indica texto escrito pelo historiador Luiz Felipe de Alencastro.

Nas esferas do mercado atlântico, a mão invisível de Deus conduzia o africano para o resgate eterno no Brasil. Milagre, “e grande milagre” resultava da deportação maciça de homens nos tumbeiros, através do oceano. Graças a Nossa Senhora do Rosário, os africanos estavam sendo salvos da África e trazidos para o trabalho redentor nas terras brasileiras. Essa epifania negreira tem sido pouco notada pelos atuais comentadores de Vieira. Mas não escapou ao humanismo laico de João Francisco Lisboa⁶, o qual comentou: “Assim, esse exílio eterno da pátria, e todos esses horrores da travessia a que desde de então até hoje foram condenados os míseros africanos, eram uma atenuação do mal, e uma verdadeira vantagem, no conceito jesuíta!”. (ALENCASTRO, 2000, p. 183)

Com a colonização e a escravização dos negros, apartados de sua terra e de sua cultura (ainda que a trouxessem na memória, mas não era permitido manter as práticas

⁶ João Francisco Lisboa, nascido em Pirapemas, Maranhão, em 1812, e falecido em Lisboa, em 1863, foi jornalista, historiador, Deputado provincial e membro da Academia Brasileira de Letras.

culturais africanas na condição de escravo). A associação entre o Exu e o diabo atravessou o atlântico e chegou no Brasil por meio do sincretismo religioso. Sincretismo que permitiu associar elementos simbólicos, e imagens artísticas relacionadas ao Orixá aos elementos simbólicos do catolicismo, assim, os significados de Exu se perderam ou foram reduzidos.

Exu é representado pelas cores vermelha e preta, carrega um tridente, algumas imagens do Orixá apresentam chifres, formatos fálicos ou falos expostos conforme a tradição de cada tribo africana. Para o candomblé, estes elementos estão associados à encruzilhada, a força de luta, - predisposição ao combate - a fecundidade e a produção da vida, respectivamente.

Entretanto, no imaginário católico o garfo, a cor vermelha e preta, os chifres e o falo exposto são representações do maligno, do inferno, a própria descrição do diabo (signos demoníacos). Para Rufino,

ao praticar Exu enquanto demônio, reduziu-se a complexidade das culturas negro-africanas, esfacelaram-se modos de vida, visões de mundo, princípios explicativos e saberes necessários para a formação de uma sociedade que se oriente pela diversidade como princípio ético. Nesse sentido, o projeto colonial e sua agenda política assumiu a responsabilidade de passarmos — como na narrativa popular — a eternidade nas profundezas do inferno da negação de outras possibilidades. (RUFINO, 2020, P. 51)

Outro objeto de destaque dessa relação sincrética estabelecida faz referência à personalidade do Exu. O Orixá conhecido pela comunicação, guardião das ruas e do comportamento humano têm características insurgentes e subversivas. Segundo a descrição mítica apresentada pelo Babalorixá Sidnei Nogueira em entrevista concedida à jornalista Mariana Correia, dia 30 de abril de 2022 ao veículo de comunicação digital publica.org.

“Exu nasceu com muita fome. Ele nasce falando “eu quero comer”. Yemanjá, a divindade nutridora, oferece os seios, ele mama, mas o leite acaba. Ela traz outras coisas para ele comer: frutas, carne, animais. Ele sai comendo tudo. O pai, Orunmilá, fica desesperado. Ele começa a devorar as casas, árvores, tudo, até a mãe. Então o pai fala “olha, mamãe, não, devolve sua mãe”. Aí Exu dá aquela gargalhada – ele nasceu gargalhando, gargalha da vida, de tudo, inclusive do sofrimento, tudo ele transforma. Orunmilá diz para ele devolver a mamãe e Exu fala para eles fazerem uma brincadeira de troca. Eles estavam no Orun, o mundo dos orixás, não era aqui no Aiyê, no nosso mundo. Orunmilá fala para ele devolver Yemanjá e

ir para o Aiyê onde “será os olhos do papai e poderá habitar tudo que tem vida”. Orunmilá corta Exu e vão nascendo um, dois, três, ele vai cortando até 200 mais um. Aí nós dizemos que Exu habita em nós. Todos temos Exu.”⁷

Presume-se que as características apresentadas sejam um dos motivos para a associação demoníaca feita pelos colonizadores cristãos, que na transposição da divindade Iorubá para a cultura judaica-cristã resultou no apagamento e mudanças de significado. Dessa forma, revestiram Exu de sentidos análogos ao demônio cristão, tendo em vista que a influência exúlica poderia acarretar dificuldades no controle dos sujeitos escravizados. Estas construções simbólicas são apontadas como as maiores responsáveis pelos casos de intolerância e racismo religioso. De acordo com Nogueira (2020, p. 39) a expressão “intolerância religiosa” tem sido utilizada para descrever um conjunto de ideologias e atitudes ofensas e crenças, rituais e práticas religiosas e consideradas não hegemônicas.

O preconceito, a discriminação, a intolerância e, no caso das tradições culturais e religiosas de origem africana, o racismo se caracterizam pelas formas perversas de julgamentos que estigmatizam um grupo e exaltam outro, valorizam e conferem prestígio e hegemonia a um determinado “eu” em detrimento de “outrem” sustentados pela ignorância, pelo moralismo, pelo conservadorismo e, atualmente, pelo poder político – os quais culminam em ações prejudiciais e até certo ponto criminosas contra um grupo de pessoas com uma crença considerada não hegemônica. (NOGUEIRA, 2020, p. 35)

As asserções apresentadas corroboram com as afirmações que as religiões de matriz africana são perseguidas e de cunho racista, mas, estão amparadas juridicamente. No Brasil a laicidade está prevista em nossa constituição de 1988 em seu artigo 5.º, tanto no caput quanto no inciso VI a saber:

Título II - Dos Direitos e Garantias Fundamentais

Capítulo I - Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos

Art. 5.º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes

⁷ <https://apublica.org/2022/04/o-racismo-religioso-quer-demonizar-exu-diz-autor-de-livro-sobre-intolerancia-religiosa/>
Acesso em 11/06/2022.

no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

II - ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;

III - ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

V - é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem;

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias [...] (BRASIL, 1988).

A seguir apresentaremos as análises e destacamos que a vitória da Escola de Samba Fluminense “Acadêmicos do Grande Rio” com o enredo “Fala, Majeté! Sete chaves de Exu”, ensejou matérias nos canais digitais (*internet*), imagens, textos e comentários, e pudemos investigar a presença do racismo estrutural e religioso, e os estereótipos produzidos contra pessoas negras e religiões de matriz africana. Manifestações observadas, por meio, dos comentários vinculados às matérias que anunciavam a vitória do enredo proposto pela agremiação. Exemplificando, os comentários assinalavam: “*Sangue de Jesus tem poder*”, “*Depois reclamam das tragédias uma após a outra*”, juntamente, identificamos registros de ameaças contra os terreiros e adeptos das religiões africanas. Entretanto, encontramos também discursos de apoio à iniciativa de explorar o tema religioso e dar destaque ao orixá Exu. “*Salve Exu... fora a intolerância religiosa dos fanáticos evangélicos*”, “*Já aviso logo, os evangélicos perderam a moral para falar de qualquer religião, por seus próprios testemunhos de intolerância, agressividade, ontem mesmo um pastor disparou uma arma sem querer no aeroporto*”.

Os discursos apresentados revelam relações dissensuais, estereótipos e estéticas-políticas nas relações estabelecidas em comunidade.

2. Comunicação, estética e política: sensibilidade em comunidade

O espetáculo produzido pela “Grande Rio” na Marquês de Sapucaí⁸ suscitou o debate no espaço público acerca dos conflitos religiosos, presente no país. São constantes as manifestações e ataques racistas contra as Comunidades Tradicionais de Terreiro (CTTro) no Brasil. Há relatos de invasão e destruição dos espaços religiosos, principalmente por parte dos evangélicos, notadamente os neopentecostais.

Em 2019 na baixada fluminense foi preso um grupo com oito traficantes, denominado “Bonde de Jesus”⁹, traficantes que ao se converterem à religião pentecostal, decidiram cometer atos de intolerância racial. Comentários preconceituosos e ameaças nas redes sociais são frequentes contra as religiões, o mesmo pensamento se estende contra outras manifestações culturais de identidade africana, o samba, a capoeira e a congada sempre são relacionadas ao demônio.

Logo após a vitória da escola que teve Exu na comissão de frente da escola, os veículos de comunicação publicaram diversas matérias e veicularam imagens do desfile, na sua maioria exaltando a coragem e a originalidade do tema. O fato é que houve diversos comentários elogiando o espetáculo, mas, disparou uma onda de ataques contra a figura do Orixá. Discursos de ódio que apontam para o preconceito religioso, racial e reforçam estereótipos perpetuados contra elementos da cultura africana, Exu e a comunidade de terreiro. Como assevera William (2019),

A percepção cristã não deu conta de alcançar os significados de Exu, por isso o orixá foi sincretizado com a figura do diabo. Ao suportar uma infinidade de estereótipos racistas, Exu tornou-se uma espécie de síntese da demonização que toda cultura africana sofreu no Brasil. Com isso, todos os símbolos dessa tradição foram depreciados, da mesma forma que se deprecia até hoje todo trabalho negro (basta lembrar certas expressões, como “coisa de preto”, “serviço de preto”, “negócio com preto é um preto negócio” etc.). Apesar disso, turistas assistem a shows de capoeira e dança afro, apreciam a beleza de colares e tecidos africanos, visitam terreiros e querem saber seus orixás, desfilam nas escolas de samba e afoxés. (WILLIAM, 2019, p. s/n)

Na fala de William (2019) identificamos os estereótipos que segundo Lipmann, podem ser tão consistentes e autorizadamente transmitidos, em cada geração, de pai para

⁸ O Sambódromo da Marquês de Sapucaí, também conhecido como Sambódromo do Rio de Janeiro e oficialmente denominado como Passarela Professor Darcy Ribeiro, é um sambódromo localizado na Avenida Marquês de Sapucaí, na zona central da cidade do Rio de Janeiro, no Brasil.

⁹ matéria publicada no Estado de Minas Nacional - Estadão Conteúdo, postado em 18/08/2019 08:53 / atualizado em 18/08/2019 11:13. https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2019/08/18/interna_nacional,1078089/policia-prende-bonde-de-jesus-que-atacava-terreiros-de-umbanda-e-can.shtml. Acesso em 11/06/2022.

filho que quase parece um fato biológico. O que nos leva afirmar que as percepções elas podem variar conforme os hábitos, cultura e visões políticas e estéticas. Desse modo, observamos que o preconceito contra as religiões africanas são reflexos do preconceito racial perpetuado em nosso país, mas para esclarecimento é importante ressaltar, de acordo com Almeida (2020) que “embora haja relação entre os conceitos, o racismo difere do preconceito racial e da discriminação racial”, e complementa:

O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. Considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avarentos ou orientais “naturalmente” preparados para as ciências exatas são exemplos de preconceitos. A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça. (ALMEIDA, 2018, p. 26)

A seguir para ilustrar as asserções, apresentamos seis tabelas contendo os títulos de cada matéria, que faz referência ao tema abordado no conteúdo e a seguir relacionamos alguns comentários respectivamente inerentes a cada uma delas. Logo após as tabelas, exploraremos as questões políticas-estéticas embricadas ao espetáculo, através das imagens selecionada para o corpora deste artigo.

Tabela 1: comentários matéria 1 no Portal G1

Matéria: 'Exu não é diabo': saiba quem é orixá mensageiro da Grande Rio. Orixá da comunicação, divindade é homenageada na Sapucaí para combater racismo religioso contra cultos de matriz africana.
24/04/2022 03h26 (10 comentários)
1. Parabéns à escola por trazer esse esclarecimento à sociedade.
2. Vim dá risadas dos comentários dos crentes. Salve Exu!
3. Pelos comentários dá pra sacar que estão presos pelo cabresto de Lúcifer: o dizimo, bora ler gibi que é mais lucro!!!!
4. Sangue de Jesus tem poder...
5. Aprende a respeitar a religião dos outros sebossa

Fonte: PORTAL G 1 – globo.com, consulta dia 10/06/2022. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2022/noticia/2022/04/24/exu-nao-e-diabo-saiba-quem-e-orixa-mensageiro-do-enredo-da-grande-rio.ghml>

Tabela 2: comentários matéria 2 no Portal G1

Matéria: Fala, Majeté! Sete chaves de Exu': entenda o enredo da Grande Rio, campeã do Carnaval do RJ. Escola foi campeã do carnaval carioca de 2022, e levou para a avenida uma homenagem ao orixá da comunicação para combater racismo religioso contra cultos de matriz africana.
26/04/2022 17h49 (67 comentários)
1. Depois reclamam das tragédias uma após a outra.
2. Nunca foi sorte, sempre foi exú. Vitória cheia de axé e em boa hora. Salve grande rio, salve exu!
3. Exu abriu os caminhos da Grande Rio. Vitória merecida.
4. Já aviso logo, os evangélicos perderam a moral para falar de qualquer religião, por seus próprios testemunhos de intolerância, agressividade, ontem mesmo um pastor disparou uma arma sem querer no aeroporto.
5. Sem nenhum preconceito. O cara disse q Exu abre portas traz prosperidade e na África todo mundo clama Exu. E desde quando alguém adota África como exemplo de prosperidade?

Fonte: PORTAL G 1 – globo.com, consulta dia 10/06/2022. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2022/noticia/2022/04/26/fala-majete-sete-chaves-de-exu-entenda-o-enredo-da-grande-rio-campea-do-carnaval-do-rj.ghtml>



Tabela 3: comentários do vídeo 1 – Canal YouTube

Título: Exu da Comissão de Frente da Grande Rio no Desfile das Campeãs do Carnaval 2022
160.922 visualizações 1 de maio de 2022
1. Representou de forma brilhante... Desfile impecável. Parabéns... Laroyê
2. Uma das melhores performances de EXU que eu já vi. Parabéns!
3. Que homem! Que performance
4. Nossa Senhora que coisa linda esse rapaz PARABÉNS! Você Brilhou Rapaz Que EXU do Bem Fica com Deus "Todo joelho se dobrar , toda língua confessará que só Jesus Cristo é o Senhor" Romanos 14:11;12

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=znBDYOKw2iM>



Tabela 4: comentários do vídeo 2 – Canal YouTube

Título: Com Exu, Grande Rio é campeã do carnaval do Rio pela primeira vez
11.609 visualizações 26 de abril de 2022
1. Vai dar Lula mesmo
2. O sangue de Jesus tem poder!
3. Salve Exu... fora a intolerância religiosa dos fanáticos evangélicos
4. Por isso que o Rio de Janeiro não tem solução, povo sofre, sofre e pelo jeito vai continuar a padecer!
5. O bom do carioca é sua autoestima, mesmo se f... Parabéns irmão

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ueNJ0bz-ISw>

Tabela 5: comentários matéria 1 no portal UOL

Matéria: Quem é Exu, a entidade que abre os caminhos da Grande Rio no Carnaval 2022?
Fernanda Talarico 23/04/2022 04h00 2 comentários
1. Quanta papagaiada.
2. Vc deveria ter respeito pela crença alheia.

Fonte: <https://www.uol.com.br/carnaval/noticias/redacao/2022/04/23/quem-e-exu-a-entidade-que-abre-os-caminhos-da-grande-rio-no-carnaval-2022.htm>

Tabela 6: comentários matéria 2 no portal UOL

Matéria: O Carnaval "empretecido" que libertou Exu
26/04/2022 15h27 sem registro de comentários

Fonte: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2022/04/26/o-carnaval-empretecido-que-libertou-exu.htm>

Os comentários nas tabelas evidenciam alguns pontos do nosso debate. Foi possível identificamos discursos com estereótipos, intolerância religiosa, violência e política atribuídos à figura de Exu e às religiões africanas. Encontram-se manifestações de evangélicos e católicos através de citações bíblicas e ironia, na intenção de

desqualificar e invalidar os comentários favoráveis ao espetáculo. Todos esses comentários decorrem do sincretismo do Orixá com a figura do diabo.

Por outro lado, há contra-discursos ressaltando a importância da diversidade, da necessidade de conhecimento e respeito pelas tradições religiosas. Destacamos o caráter do evento, que se trata de um *show* de entretenimento e os comentários são dirigidos a beleza e ao bom desempenho da Grande Rio na Avenida. São outros sujeitos marcando posição em disputa por seu espaços, fato que pode ser um indício de perturbação na ordem do sensível, *dissenso*¹⁰ (Rancière, 1996). Apesar de o direito ao culto ser reconhecido constitucionalmente fica evidente que o Brasil não é um Estado laico e democrático de direito.

3. Carnaval espetáculo do Terreiro

Avançando em nossa análise buscamos olhar para as questões estéticas e políticas embricadas no desfile da Escola Acadêmicos do Grande Rio. Debates questões problematizadas por Herman Parret e Jacques Rancière, por ordem da estética e da política, para tanto, nos auxiliamos de apontamentos feitos pelo antropólogo Roberto DaMatta acerca do carnaval.

DaMatta (1984) explora em seu texto “*O Carnaval, ou o mundo como teatro e prazer*” significados e a importância da festa para o povo brasileiro. Destacamos trechos do texto em que DaMatta conceitua o Carnaval através da linguagem, ele ressalta que o carnaval brasileiro não se representa por máscaras e o melhor termo a ser utilizado seria “fantasia”, entendendo fantasia como um termo mais abrangente. Primeiro, como vestimenta utilizada para construção das alegorias e dos personagens. Segundo, a fantasia enquanto a possibilidade de ficcionar e de criar mundos possíveis. Essa segunda possibilidade é a que nos interessa e segue a contextualização proposta por DaMatta,

A fantasia liberta, des-constrói, abre caminho e promove a passagem para outros lugares e espaços sociais. Ela permite e ajuda o livre trânsito das pessoas por dentro de um espaço social que o mundo cotidiano torna proibitivo com as repressões da hierarquia e dos preconceitos estabelecidos. É a fantasia que permite passar de ninguém a alguém; de marginal do mercado de trabalho a figura

¹⁰ O *dissenso* no sentido mais ordinário do termo: uma perturbação no sensível, uma modificação singular do que é visível, dizível, contável. O *dissenso* tem assim por objeto o que chamo o recorte do sensível, a distribuição dos espaços privados e públicos, dos assuntos de que neles se trata ou não, e dos atores que têm ou não motivos de estar aí para deles se ocupar. Antes de ser um conflito de classes ou partidos, a política é um conflito sobre a configuração do mundo sensível no qual podem aparecer atores e objetos desses conflitos. (RANCIÈRE, 1996, p. 372-373)

mitológica de uma história absolutamente essencial para a criação do momento mágico do Carnaval. (DaMatta, 1984, p. 66).

Neste ponto encontramos o diálogo com as ideias de Rancière e de Parret. Para Rancière a política sempre tem uma dimensão estética e representa uma forma do exercício do poder, e argumenta que a política e a estética são maneiras de organizar o sensível. Através da política-estética encontra-se formas de fazer-se entender, ser visto e construir a visibilidade e a inteligibilidade dos acontecimentos. Para Parret comunicar por *aisthèsis*,

baseia-se na hipóstase do prazer individual e na recusa total de qualquer fundamento para a *práxis* - um fundamento que, para excitar o sentimento de sublime, precisa ser disseminado, dispersado, fraturado como as fagulhas dos fogos de artifício, prefigurando a obra de arte que a vida pós-moderna deveria ser” (PARRET, 1997, p. 184).

Nas imagens produzidas pelo espetáculo exploramos conceitos Kantianos pensados a partir da lente de Parret (1997). O “belo” toma parte no espetáculo. Na representação dos textos e das imagens, o “belo” é identificado nas imagens dos corpos, na performance e nas alegorias produzidas na avenida. O sublime é inerente às imagens, por meio, da produção e atuação do ator Demerson D'Alvaro que dá materialidade ao mito Exúlico, reconhecido pela “boca tudo come”. Na passarela, o sublime se apresenta quando Exu, o orixá que tudo come, regurgita as bebidas ingeridas para o espaço, numa representação de estar devolvendo a matéria como produção de conhecimento para o mundo. O espetáculo de Carnaval abarca diversas formas de linguagem, o desfile permite apresentar os símbolos vinculados a Exu apresentados utilizando-se da palavra, da música, do corpo que dança. Assim, forma-se um espaço de significado que pode ser conceituado como um “entre”, a produção de um espaço de interpretações. Um *lòcus* de juízo de gosto, objetivo, subjetivo e reflexivo. De um lado, as imagens produzidas pelo espetáculo, do outro o público separado e conectados pelo espaço-tempo, permanecendo em suspenso os significados. Para Parret (1997, p. 192), “a legitimação estética é uma busca de fundamentos e, ao mesmo tempo, ela consagra a crise dessa busca”. Parret nos auxilia, trazendo a seguinte definição:

O gosto é nossa faculdade de julgar *a priori* a comunicabilidade dos sentimentos”; “o gosto é a faculdade de julgar que torna o sentimento

universalmente comunicável sem a mediação de conceitos"; por "*sensus communis*¹¹" deve-se entender a ideia de um senso compartilhado por todos nós, isto é, de uma capacidade de julgar que, em sua reflexão, considera (*a priori*) em nosso pensamento o modo como todas as outras pessoas representam uma determinada coisa como se tivesse (*gleichsam*) que comparar nosso juízo à razão humana em geral" (PARRET, 1997, pp. 194-195).



Imagem 1: o ator Demerson D'Alvaro caracterizado de Exu no desfile da “Acadêmicos da Grande Rio”

Com espetáculo apresentado na avenida, a comunidade de terreiro politicamente apresenta formas de resistência, de reexistência e de se autorrepresentar. Há o deslocamento do poder, do *locus* da hegemonia, para o *locus* dos subalternizados. O poder deslocado para a periferia, nas comunidades periféricas, nos quilombolas, é estar na condição de criar ficções, construir suas próprias histórias. Não importa se as narrativas são utópicas ou históricas, é o escapar da ideia de uma comunidade governada para se tornar organismo animado e em movimento. É estar na condição de definir de quem pode partilhar e definir quem pode tomar parte desta partilha, “o sensível” na comunidade. Assim, define Rancière (2009, p.16). “A partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce.”

¹¹ ““Senso da comunidade”, está na origem da solidariedade cívica e da moral sadia. Kant, como era previsível, exclui de pronto o *sensus communis*, enquanto “sentimento moral”, mas dois outros componentes- o elo com a *sensibilidade* (o componente aristotélico) e o *Gemeinsinn* ou senso da *comunidade* (o componente humanista) - são retomados em seu equilíbrio difícil. Acrescentando a essa complexidade uma conotação suplementar, o *sensus communis* tem também uma função de *Bildung* ou educação social. O (bom) gosto deve ser aprendido como uma faculdade de sutil diferenciação, operando numa comunidade que sanciona, mas não determina (e é nisso que o gosto difere de toda “moda”)” (PARRET, 1997, pp. 193-194).

Seguindo nas inspirações propostas por DaMatta, o texto seguinte, ressalta conflitos inerentes da comunidade brasileira apontado que o “Carnaval, pois, é inversão porque é competição numa sociedade marcada pela hierarquia. É movimento numa sociedade com horror à mobilidade, sobretudo à mobilidade que permite trocar efetivamente de posição social”. Essa é uma leitura chave sobre a partilha do sensível que segundo Racière (2009, p.15), o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Portanto, é possível evidenciar a preocupação política de Racière com as experiências emancipatórias e em seu método há preocupação com a noção de igualdade. DaMatta complementa, “Carnaval é a possibilidade utópica de mudar de lugar, de trocar de posição na estrutura social. De realmente inverter o mundo em direção à alegria, à abundância, à liberdade e, sobretudo, à igualdade de todos perante a sociedade” (DaMatta, 1984, p. 69).

Considerações Finais

Apresentamos conceitos e reflexões ao longo do trabalho que em seu cerne tinha a preocupação com o racismo estrutural e religioso, o preconceito e os estereótipos produzidos pela influência colonial presentes na sociedade brasileira. Buscamos olhar para estes problemas através das inter-relações entre linguagem, estética-política e as dinâmicas socioculturais.

Tínhamos como problema de pesquisa a seguinte questão: como se dá a dimensão do "racismo religioso" nos processos comunicacionais na perspectiva da linguagem, estética e política na socialização do sensível em comunidade? Nessa perspectiva, percebemos que o processo de constituição do país, as dinâmicas socioculturais são subjetivadas pelas tecnologias cristãs e tecnologias do colonialismo. Os sujeitos da diáspora africana foram destituídos de sua cultura, arte, religião, língua e até sua identidade mais primária que seriam seus nomes e qualquer relação que poderia ser estabelecida com a sua pátria. Nessa perspectiva, nosso objeto de pesquisa - *candomblé* -, com recorte para o orixá Exu, encontramos rastros dos efeitos produzidos pela colonialidade, e principalmente pelo ethos católico que por meio da linguagem podemos considerar um dos maiores responsáveis pelo racismo e pela intolerância religiosa. O

sincretismo produziu a transmutação do orixá Exu no Diabo católico, impingindo significados que não estão presentes no imaginário africano. Questões dicotômicas como o bem e o mal, a ideia de sofrimento e castigos. Além de alterar o significado de ícones como a capa, o tridente e suas formas fálicas. Esses fatores ao longo do trabalho foram identificados sendo responsáveis por gerar o preconceito com as religiões de matriz africana e a união desses elementos apresentados se estendem ao sujeito e a todos os elementos culturais vinculados a ele, estigmatizando e perpetuando os estereótipos por diversas gerações.

Entretanto, na análise do *corpus* identificamos elementos de resistência, reexistência e autorrepresentação. A Escola de Samba de modo geral é um espaço de congregação de sujeitos periféricos, negros, mulheres, LGBTQIAP+ e indígenas. O Carnaval permite politicamente possibilita um espaço de representação e de produção de utopias, o que identificamos é que quando a Grande Rio trouxe para a Marquês de Sapucaí o enredo “Fala, Majeté! Sete chaves de Exu” nesse momento o espetáculo produziu o aquilombamento, reproduziu o terreiro, onde a comunidade de terreiro pode cultuar seus deuses em espaço público. A avenida se transformou em espaço de resistência e de reexistência, pois, possibilitou a oportunidade de sujeitos subalternizados, violentados e agredidos por suas tradições religiosas de criar sua própria narrativa, de ficcionar-se, historizar-se e exercer o poder, o ser e o saber .

As teorias utilizadas traz a lume e permite avançar nos esclarecimentos das questões embricadas, os estereótipos, o preconceito religioso, o racismo como um aspecto estruturante da sociedade brasileira. Deixamos como sugestão tensionar o mesmo objeto a partir de uma lente exclusivamente decolonial, por exemplo, valendo-se de uma epistemologia exúlica que tem na sua perspectiva não a partilha o “ou” e sim o “e” e como propõe Rufino em seu trabalho “Pedagogia da Encruzilha” o conceito de “dobra” da linguagem. Em resumo, seria a proposição de uma linguagem com gíngua que expresse o axé dos terreiros. Concluímos esse trabalho apresentando a poesia “Padê de Exu Libertador¹²” recitada no documentário “Exu é Rei-Abdias Nascimento¹³”.

¹² Trecho do poema “Padê de Exu Libertador”, escrito em Búfalo, EUA, em 2 de fevereiro de 1981.

¹³ <https://www.youtube.com/watch?v=tlIqqtve-cl>

Exu
tu que és o senhor dos
caminhos da libertação do teu povo
sabes daqueles que empunharam
teus ferros em brasa
contra a injustiça e a opressão
Zumbi Luiza Mahin Luiz Gama
Cosme Isidoro João Cândido
sabes que em cada coração de negro
há um quilombo pulsando
em cada barraco
outro palmares crepita
os fogos de Xangô iluminando nossa luta
atual e passada
Ofereço-te Exu
o ebó das minhas palavras
neste padê que te consagra
não eu
porém os meus e teus
irmãos e irmãs em
Olorum
nosso Pai
que está
no Orum
Laroyê!

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O Trato dos viventes**. Formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- ALMEIDA, Sílvio. **O que é racismo estrutural?** São Paulo: Letramento, 2018.
- CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores/ Edgardo Castro; tradução Ingrid Müller Xavier; revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2011. Edição do Kindle
- LIPPMANN, Walter. **Estereótipos**. In: STEINBERG, Charles S. (org.). Meios de comunicação de massa. São Paulo: Cultrix, 1972. p.151.
- NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.
- PARRET, Herman. **Comunicar por aïsthêsis**. In: A estética da comunicação: além da pragmática. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997
- RANCIÈRE, Jacques. **A noite dos proletários**. Lisboa: Antígona, 2012.
- _____. **A partilha do Sensível**. Estética e política. São Paulo: Editora 34, 2009.
- _____. O dissenso. In: A crise da razão. Organizador: Adauto Novaes (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Tradução de Paulo Neves
- WILLIAM, Rodney. **Apropriação Cultural** (Feminismos Plurais). 2019 Editora Jandaíra. Kindle Edition.
- RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.